

A CIÊNCIA VS. O POPULISMO

Robson Vitor Freitas Reis¹

Edson Lugatti Silva Bissiati¹

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) / Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Resumo

Apresente resenha visa fazer uma análise crítica do livro "Experts and the Will of the People: society, populism and science", de Harry Collins, Robert Evans e Weinel Durrin, publicado em 2020. Através dessa análise, busca-se demonstrar como a ciência, mesmo depois da quebra de muitos de seus paradigmas de neutralidade, ainda pode ser uma importante ferramenta para a manutenção de uma democracia pluralista frente a ameaças populistas.

Palavras-chave: Democracia. Populismo. Ciência.

Science vs. Populism

The following review aims to provide a critical analysis of the book "Experts and the Will of the People: Society, Populism, and Science" authored by Harry Collins, Robert Evans, and Weinel Durrin, published in 2020. Through this examination, the intention is to illustrate how science, despite the erosion of many of its neutrality paradigms, remains a vital instrument for sustaining pluralistic democracy in the face of populist threats.

Keywords: Democracy. Populism. Science.

Ciencia vs. Populismo

La presente reseña tiene como objetivo realizar un análisis crítico del libro "Experts and the Will of the People: sociedad, populismo y ciencia", escrito por Harry Collins, Robert Evans y Weinel Durrin, publicado en 2020. A través de este análisis, se busca demostrar cómo la ciencia, a pesar de la ruptura de muchos de sus paradigmas de neutralidad, sigue siendo una herramienta importante para el mantenimiento de una democracia pluralista frente a las amenazas populistas.

Palabras clave: Democracia. Populismo. Ciencia

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13629334>

ISSN: 2359-6252

Artigo submetido em 22/01/2024 e aceito para publicação em 20/02/2024.

Editor-chefe: Jackson Wilke da Cruz Souza

Editor-adjunto: Letícia Lima Milani Rodrigues

O trabalho em análise tem como pano de fundo os estudos de ciência e tecnologia, campo comum dos quatro coautores. Em específico pode-se dizer que o trabalho irá analisar o papel da ciência, principalmente a partir da década de 70, no âmbito das democracias pluralistas, sendo a proposta do livro que o uso da ciência e do conhecimento especializado pode ajudar como um contrapeso no sistema político contemporâneo para prevenir o avanço de discursos e políticos populistas.

Isso posto iremos dividir nossa análise crítica em seis partes, respeitando a divisão de capítulos do livro.

No primeiro capítulo da obra, que é a introdução do livro, é feita uma ponte entre os seguintes conceitos: democracia pluralista, populismo e expertise científica.

Ele inicia falando sobre o chamado *breaching experiment* (experimento de ruptura) onde o autor do experimento perturba o bom andamento da vida cotidiana com um comportamento ultrajante a fim de mostrar a ordem oculta da vida. Aqui os autores citam Donald Trump e outros choques recentes nas democracias ocidentais como uma forma de concretização desse experimento de ruptura.

Conscientes da diversidade de significados que o termo populismo pode adquirir os autores irão tentar delimitar a ideia de populismo através de uma oposição a um outro conceito que é o conceito de democracia pluralista: “Definimos o populismo por seu contraste com a democracia pluralista e definimos a democracia pluralista por seu contraste com o populismo.”¹ (Collins et al., 2020, p. 2 - tradução nossa). E, nesse contexto, os autores colocam a expertise científica como fazendo parte do sistema de freios e contrapesos das atuais democracias pluralistas, como forma de contrabalancear o movimento populista.

O segundo capítulo, por sua vez, desenvolve o tema sociedade.

Para os autores as sociedades se distinguiriam pelo o que seus cidadãos consideram como algo garantido, um pressuposto implícito. Por exemplo, “em ‘sociedades ocidentais’, a maioria dos cidadãos concorda, entre outras coisas, sobre a necessidade de eleições regulares com direitos de voto quase universais, como tratar estrangeiros, os pobres e os doentes.”² (Collins et al., 2020, p. 11 - tradução nossa), e isso constituiria a face orgânica de uma sociedade.

Eles também falam sobre as escolhas populares constitutivas e enumerativas, sendo que as escolhas constitutivas teriam relação com esta faceta orgânica. Ou seja, algo que seja 'uniforme' em toda a sociedade, que é mais do que um somatório de escolhas individuais, mas, ao contrário, algo metafisicamente coletivo. Já as escolhas enumerativas não dizem respeito ao que é formativo de uma sociedade e, por isso, uniforme, e sim ao que é diverso e que, devido a essa diversidade, exige votação para se ter uma noção da visão da maioria e da gama de opiniões existentes, permitindo que todas sejam respeitadas. Para os autores aquilo que pertence à face constitutiva da sociedade não precisa ser votado. E de uma forma bastante ousada, e que poderia ser até mesmo objeto de questionamentos e críticas, os autores afirmam que em matérias constitutivas “opiniões minoritárias não possuem a mesma legitimidade - elas são ‘desvios’ de um tipo ou de outro, não escolhas que precisam ser levadas em consideração”³ (Collins et al., 2020, p. 18 - tradução nossa).

Por fim, para finalizar o capítulo, os autores falam da lei de conservação da democracia, ou seja, da importância de que cada cidadão individualmente saiba o que é uma democracia e haja de forma ativa para mantê-la.

¹ No original: “We define populism by its contrast with pluralist democracy and we define pluralist democracy by its contrast with populism”.

² No original: “in ‘Western societies’ most citizens agree, among other things, about the need for regular elections with near-universal franchises, how to treat strangers, the poor and the sick”.

³ No original: “minority opinions do not have the same legitimacy - they are ‘outliers’ of one sort or another, not choices that have to be taken into account”

O capítulo terceiro explica de forma sumária as formas de democracia e os seus elementos.

Quanto às formas, faz-se uma contraposição entre formas diretas e indiretas de democracia. E, quanto a essa questão, vale destacar a “oposição”⁴ entre Walter Lippman e John Dewey. Walter Lippman (*apud Collins et al., 2020*) faz uma crítica do uso da forma direta de democracia no contexto atual, já que, na sociedade contemporânea, devido às suas divisões complexas de trabalho altamente especializado, bem como a proliferação de vários grupos e identidades de interesse, a suposição de uma omni-competência do cidadão se tornaria muito implausível. John Dewey (*apud Collins et al., 2020, 2020*), por sua vez, coloca que o público não deve ser entendido como todo cidadão, mas apenas aqueles envolvidos em uma controvérsia. Neste contexto seus membros seriam motivados a se tornarem conhecedores e seriam capazes de se envolver com especialistas de uma maneira mais sofisticada.

Já quanto aos elementos, ou seja, conceitos abertos presentes nas maiorias das democracias, os autores destacam as seguintes ideias: o povo, o direito, o voto, o governante e a separação de poderes conjuntamente com o sistema de freios e contrapesos.

Para finalizar a análise desse capítulo, é preciso dizer que ele poderia ter aprofundado mais o conceito de democracia, e, inclusive seria interessante ter aproveitado a oportunidade para deixar mais claro o conceito de democracia pluralista que eles fazem uso e sua oposição/diferenciação com outras formas de democracia.

O capítulo quarto detalha o conceito e as implicações normativas do populismo.

Eles iniciam o capítulo esclarecendo que o populismo tem uma estranha relação com a democracia, pois ambos seriam descritos como o *governo de acordo com a vontade do povo*. Acrescenta ainda que essa relação ficaria mais acentuada no âmbito da democracia direta: “quanto mais direta for a democracia, mais ela se aproxima do populismo.”⁵ (*Collins et al., 2020, p. 36 – tradução nossa*).

Explica que, em um governo populista, as escolhas enumerativas são transformadas em uma alteração constitutiva da sociedade e, por isso, a ideia que isso poderia ser revertido em uma eleição posterior passa a ser questionada. As opiniões daqueles que discordam passam a ficar sujeitas a possíveis processos persecutórios com o objetivo de fazê-las enfraquecer ou quiçá desaparecer. O que se permite concluir que poderia existir uma perigosa “rota do populismo para uma ditadura, ou fascismo”⁶ (*Collins et al., 2020, p. 38 – tradução nossa*).

Um outro ponto importante que foi abordado é que, em uma democracia pluralista, ações como por exemplo “limitar e distorcer os poderes dos tribunais ou da imprensa ou deixar de dizer a verdade aos cidadãos”⁷ (*Collins et al., 2020, p. 42 – tradução nossa*) tenderiam a ser ocultadas, já que seriam motivos de vergonha. Já em um governo populista, por sua vez, ocorreria o oposto, isto é, em uma tentativa de inverter a lógica da moralidade, ações como essas são exibidas. Nessa lógica, a exibição pública do que normalmente seria considerado uma violação da democracia levaria a uma tentativa de legitimação dessas ações vergonhosas, numa luta contra os “inimigos do estado”, e obscurecendo a verdade dos fatos. Neste contexto, nega-se que a lógica populista seja algo semelhante à tradicional lógica da corrupção, pois estar-se-ia diante de um ataque aos valores básicos da democracia que, segundo os autores, seria muito mais próximo dos eventos nazistas e fascistas que emergiram no mundo durante a década de 30. Sendo que o atual contexto das mídias digitais pode tornar bem mais volátil a separação do que é ou não real/verdadeiro.

Aqui, é preciso destacar, fica bem mais claro para o leitor o que os autores entendem como populismo e quais seriam as consequências políticas de um governo conduzido dessa forma.

⁴ Coloquei entre aspas, pois os autores esclarecem que não haveria uma oposição de fato.

⁵ No original: “*the more direct the democracy the nearer it comes to populism*”.

⁶ No original: “*route from populism to a dictatorship, or fascismo*”.

⁷ No original: “*limiting and distorting the powers of the courts or the press or failing to tell the truth to the citizenry*”

O capítulo quinto fala o que seria ciência para os autores.

Em especial o capítulo foca sua análise sobre o que fazer a partir da grande reviravolta epistêmica e metodológica que a ciência passou a enfrentar principalmente a partir dos anos 70. A experiência científica agora parece mais falível e menos isolada das forças políticas e sociais. Os líderes populistas que atacam a experiência científica que contraria sua vontade comumente usam essa maior fluidez da ciência de hoje como calcanhar de Aquiles para infligir seus ataques.

Tanto no campo dos estudos sociais da ciência quanto no âmbito dos estudos de ciência e tecnologia vem ficando cada vez mais claro que não é mais possível sustentar uma objetividade dura no âmbito científico, o pluralismo chegou no universo científico e estremeceu seus alicerces. Neste contexto, e levando essa ideia ao extremo, decidir se um experimento foi devidamente replicado poderia não ser algo tão diferente do que “*decidir se esta moda é melhor do que aquela moda ou esta religião é melhor do que aquela religião.*”⁸ (Collins et al., 2020, p. 50 – tradução nossa).

Ou seja, está mais evidente como o ambiente social e político pode e de fato tem influenciado as conclusões científicas. Vários estudos passaram a mostrar que as reivindicações científicas também estariam sujeitas a grande “flexibilidade interpretativa”, como qualquer outro produto cultural. Neste contexto, e a título de exemplo, eles colocam “como a ciência reprodutiva foi afetada por preconceitos em relação às mulheres”⁹ (Collins et al., 2020, p. 52 – tradução nossa).

Aqui é interessante destacar a forma como os autores colocam a percepção (pós 70) que a ciência não é neutra, sua objetividade não é pura. Através de exemplos bem paradigmáticos os autores mostram para o leitor que a ciência é sim afetada pelo contexto onde ela está inserida. Agora existe consciência disso, sabe-se que a ciência é muito mais difícil do que se pensava outrora, e sabe-se que é impossível divorciar completamente a ciência e descobertas científicas de seu ambiente social. E é importante que esse ponto fique bem definido, já que o objetivo deles é argumentar que, a despeito desses problemas, a ciência ainda assim é uma ferramenta importante e capaz para, na democracia pluralista, combater a ascensão de figuras populistas.

No sexto e último capítulo os autores falam sobre o modelo fractal de ciência e esclarecem como essa forma de enxergar a ciência pode contribuir para prevenir o avanço do populismo.

O capítulo irá tentar juntar várias ideias e conceitos anteriormente apresentados dando uma ênfase maior na importância da educação cívica através do princípio da conservação da democracia e em como a ciência, encarada pelos estudos de expertise e experiência através do modelo de fractal e meta-expertise, pode e de fato contribui como um sistema de freios e contrapesos ao populismo em uma democracia pluralista.

Uma meta-expertise muito importante citada pelos autores é aquela que lhes permite julgar qual profissional procurar quando se deparam com algo que vai para além de sua área de conhecimento. É essa meta-expertise que, por exemplo, faz com que os cidadãos sigam o conselho de um médico, em se tratando de assuntos de saúde, de um advogado diante de questões legais e, em termos gerais, “o que faz você continuar ouvindo seus professores da escola”¹⁰ (Collins et al., 2020, p. 79 – tradução nossa).

Isto posto, é válido dizer que o modelo científico defendido pelos autores é o trabalho de artesanato com integridade (*craft work with integrity [CWI]*), “que leva o cientista a ser um artesão honesto, fazendo o seu melhor, informado por valores nobres, mas inevitavelmente falível”¹¹ (Collins et al., 2020, p. 76 – tradução nossa). Ou seja, para os autores a palavra do cientista nem sempre será a palavra final, já que são também falíveis e eles não se almeja uma tecnocracia, mas, não obstante a

⁸ No original: “*deciding whether this fashion is better than that fashion or this religion is better than that religion*”

⁹ No original: “*how reproductive science was affected by prejudices in respect of women*”.

¹⁰ No original: “*what keeps you listening to your school-teachers*”.

¹¹ No original: “*which takes the scientist to be an honest craftsman, doing their best, informed by noble values, but inevitably fallible*”.

isso, deve ser a primeira palavra, aquela que, mesmo que superável, terá uma presunção relativa dentro do seu respectivo campo de expertise.

Portanto, é digno de nota que os autores têm consciência que a proposta deles caminha em uma corda bamba. Onde, de um lado, temos o perigo de uma tecnocracia que o cientista invade a arena política. E de outro, através da chamada democratização da ciência, no sentido de dar igual peso às falas de especialista e não especialista, é a esfera política que invade o universo científico, deixando as portas abertas para figuras populistas utilizarem disso em seus discursos anticientificistas.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Harry; EVANS, Robert; DURANT, Durrin; WEINEL, Martin. Experts and the Will of the People: society, populism and science. London: Pallgrave, 2020.

Sobre os(as) autores(as)

Robson Vitor Freitas Reis   | robson.reis@unifal-mg.edu.br

Mestre em Direito pela Faculdade de Direito e Ciências do Estado de Minas Gerais e doutorando em Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Servidor Público do campus de Varginha da Universidade Federal de Alfenas.

Edson Lugatti Silva Bissiati   | edbissiati@outlook.com

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora e doutorando em Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e suporte.